

MALAQUIAS 3:10 NO CONTEXTO BÍBLICO E NOS ESCRITOS DE ELLEN G. WHITE

Demóstenes Neves da Silva¹

Na discussão do texto de Malaquias 3:8-10 levanta-se a questão se

este possui uma ênfase congregacional ou aplica-se a uma instituição mais ampla. Se está se referindo a cada igreja local ou é uma provisão para um sistema unificado. Para o leitor adventista do sétimo dia é importante saber qual das duas propostas anteriores está mais próxima do contexto da passagem bíblica em questão. Também é importante, e por isso será consultado, o pensamento sobre o assunto de um dos mais célebres e influentes membros do grupo de pioneiros do Movimento Adventista e posteriormente co-fundadora da Igreja Adventista do Sétimo Dia, E. G. White.

Neste breve trabalho pretende-se demonstrar qual idéia encontra-se por trás da expressão “casa do tesouro”² tanto no Antigo Testamento (AT) como também qual a aplicação da frase nos escritos deixados por E. G. White. Para tanto analisaremos três aspectos que consideramos ligados à expressão “casa do tesouro”. O primeiro deles é o conceito de organização religiosa que está por traz dessa expressão; o segundo é a definição de quem custodiava e administrava o tesouro da casa e, finalmente, o terceiro, como se aplicava esse tesouro.

Aceitando-se que o dízimo e as ofertas, como naqueles tempos, devam ser devolvidas pelo adorador à igreja hoje, conforme Malaquias

¹Demóstenes Neves da Silva é atualmente professor do SALT/IAENE

²HARRIS, R. Laird, Gleason L. Archer & Bruce K. Waltke. *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. SP, Vida Nova, 1998. 113. A expressão usada para definir “casa do tesouro” em Malaquias 3:10 é “beth ôtsar” e significa “tesouro, estoque, depósito”, aparece cerca de 80 vezes no AT e literalmente refere-se ao tesouro do rei, do templo ou mesmo um tesouro particular. Outras nove palavras são utilizadas no AT além de ôtsar.

3:10,³ e, considerando o seu contexto e o do pensamento pioneiro de E. G. White, este artigo pretende demonstrar, onde devem finalmente ser custodiados, quem deve administrar e em que devem ser aplicados os dízimos e as ofertas.

O Conceito de Organização

Em Israel

O ministério de Malaquias está localizado por volta do ano 432-424 AC. Seu livro descreve os problemas de infidelidade entre os israelitas para com os serviços da casa de Deus. Contemporâneo de Neemias (444 AC), e tendo desenvolvido seu ministério durante ou imediatamente após este, Malaquias evidentemente está se referindo à “casa do tesouro” como deixada após a organização e reforma do sistema do Templo, feita por Neemias, logo depois do retorno do Cativo. É para esse sistema restaurado por Neemias (Ne 12:44-47;

13:10-13), que o pesquisador deve se voltar para entender para **onde**, segundo o profeta, deveriam ser trazidos os dízimos e as ofertas.

É importante lembrar que os livros de I, II Crônicas, Esdras e Neemias formam um todo evidenciando uma obra e um autor comum. Assim, Malaquias 3:10 poderá ser melhor compreendido através do contexto da “casa do tesouro” (ôtsar) apresentado principalmente nesses livros e revelando que eles lidavam com a mesma situação:⁴

³ BARKER, Kenneth L. and John Kohlenberger III. *NIV Bible Commentary*. Vol I. Grand Rapids, Michigan, Zondervan Publishing House, 1994. 1547-1548. “Malaquias refere-se ao décimo de toda a produção bem como dos rebanhos e gado, que pertenciam ao Senhor e foi por Ele destinado para o serviço dos levitas.”

⁴ Para uma abordagem da localização histórica do livro de Malaquias e sua relação com I e II Crônicas, Esdras e Neemias veja *Seventh-Day Adventist Bible Commentary*. Vol. IV. Washington DC, Review and Herald Publishing Association, 1976. 1121. Também Vol. III, 73-79.

É possível que a desobediência do povo induziu algumas das queixas dos sacerdotes às quais Malaquias já havia se referido. **Neemias lida com o mesmo problema** (Ne 10:32-39; 13:10). Se Malaquias é anterior aos eventos de Neemias 13, talvez as palavras de Malaquias no verso 8 tenham sido atendidas.⁵ (grifo suprido)

Naquele sistema organizado por Neemias, segundo as informações bíblicas, acontecia o seguinte:

1. A distribuição era **centralizada**⁶ e controlada a partir de Jerusalém e de lá os recursos eram repartidos por todos os levitas do país (2Cr 31:4-6; Ne 12:44).

2. Uma equipe era encarregada da **distribuição para Jerusalém** e outra equipe **para o resto do país** (Ne. 13:13).

3. Havia câmaras para nelas **“ajuntarem das cidades**, as porções designadas pela lei para os sacerdotes e para os levitas” (Ne 12:44).

⁵ BARKER, Kenneth L. and John Kohlenberger III. *NIV Bible Commentary*. Vol I. Grand Rapids, Michigan, Zondervan Publishing House, 1994. 1547-1548. Que Malaquias e Neemias lidavam com o mesmo problema também concorda: SMITH, Ralph L. in *Word Biblical Commentary*. Vol. 32. Waco, Texas, Word Books Publishers, 1984. 333.

⁶ Willem A Vangemeren, ed. *New International Dictionary of Old Testament Theology and Exegesis*. Vol. I. Grand Rapids, Michigan, Zondervan Publishing House, 1997. 448. “ôtsar” [tesouro] “Está especialmente em conexão com o **segundo templo para o qual** o povo era exortado a ‘trazer todo o dízimo à casa do tesouro’ (MI 3:10). Para outras referências sobre o colocação dos dízimos nos depósitos do Templo, veja Neemias 10:37-40; 12:44; 13:12-13. Neemias usa três palavras hebraicas para depósitos: liska (10:37-39) conf. II Cr 31:11; Niska (12:44); e Otsera (13:12, 13).” O dízimo aqui referido é o destinados aos levitas conforme Nm 18, diferente do “segundo dízimo” mencionado em Dt 12, 14, 26 que era retido pelo adorador e usado para festas religiosas e para atendimento especial aos pobres e os que não tinham “herança na terra” como era o caso do estrangeiro e dos levitas (uma referência à partilha dos territórios das tribos). Sobre este segundo dízimo veja a Revista Teológica do SALT/IAENE vol 1 n ° 2 Julho-Dezembro de 1997, “Origem e Propósito do Dízimo”.

4. Havia cuidadosa **separação entre os dízimos e as ofertas** (12: 44)

5. Havia **tesoureiros específicos** para cada depósito como nos dias de Ezequias (2Cr 31:19).

6. Os **encarregados eram representantes dos próprios levitas**,⁷ assim não seriam vítima do jogo de interesses alheios à função. Se eram dignos de serem ministros do santuário também o seriam para administrar os fundos para seu próprio sustento “com fidelidade” (2Cr 31:12-15)

7. Havia necessidade de evitar que os levitas fugissem para atividades seculares. Deviam dedicar-se especialmente ao ministério (Ne 13:10-11).

8. Como os levitas eram **assistidos conforme o registro de suas famílias, mulheres e crianças** (2Cr 31:18, 19), a assistência financeira e material não considerava como prioridade os lugares que eram os maiores doadores, para que ali ficassem retidos os dízimos, mas as necessidades de manutenção dos indivíduos e da obra em Israel como um todo. Assim que, todos os levitas recebiam sua manutenção de acordo com as necessidades de suas famílias (2Cr 31:17-19).

9. O “tesouro” de Deus envolvia não somente dízimo mas também ofertas (2Cr 31:12; MI 3:8). Estes eram entregues em produtos ou dinheiro conforme o doador.⁸

⁷ Willem A Vangemeren, ed. *New International Dictionary of Old Testament Theology and Exegesis*. Vol. I. Grand Rapids, Michigan, Sodervan Publishing House, 1997. 448. “Há apenas uma imaginária contradição entre versos como Neemias 10:38-39 que declaram que os levitas devem trazer os dízimos aos depósitos e os versos 12:44; 13:12 e Malaquias 3:10, os quais falam dos leigos trazendo os dízimos aos depósitos. É o povo quem faz as contribuições enquanto **o pessoal do templo é quem as transporta para dentro das câmaras**, uma prática apoiada pela tradição rabínica.” (grifo suprido)

⁸ Não há motivo para se entender que os dízimos e ofertas eram devolvidos apenas em produtos devido à cultura agro-pastoril no antigo Israel. Basta lembrar que as moedas ou seu equivalente antecedem o cativo egípcio e que Moisés já recomendava que o imposto do templo fosse pago com um “shekel” que era uma “moeda de prata pura” que cada um pagava para as despesas de manutenção do templo e para sacrifícios para

O mesmo padrão e outros detalhes adicionais podem se encontrados nas grandes reformas espirituais do povo de Deus sob **Joás** (835-796 AC); em 2Cr 24:1-14 e 2Rs 12:4, 5; sob **Ezequias** (729-686 AC), 2Cr 31:2-21; e no tempo de **Josias** (640-609 AC), 2Rs 22:1-7 e 2Cr 24:8-10 e 31:14. Em todas elas as construções e reformas do Templo eram feitas exclusivamente com outras ofertas e jamais com os dízimos.

Pode-se depreender dos registros bíblicos que essa unificação do sistema gerido pelos próprios levitas: 1) proporcionava igualdade de tratamento e proporcionalidade na manutenção do ministério; 2) concedia uma visão global unificada gerando um senso nacional de missão e unidade entre os sacerdotes; 3) Procurava evitar ambições financeiras na liderança espiritual da igreja israelita.

Portanto, na Bíblia, os dízimos e ofertas dos sacerdotes não ficavam em cada vila ou cidade, ou na posse do próprio adorador.⁹ Os relatos bíblicos disponíveis indicam que tanto no período pré como pós-exílio, sempre que o sistema de manutenção dos sacerdotes foi reformado sob direção profética, a casa do tesouro foi uma tesouraria centralizada em Jerusalém e administrada pelos próprios levitas. Para esta “casa do tesouro” Malaquias apelava para que fossem conduzidas todas as dídivas. A partir desse centro administrativo todos os levitas recebiam auxílio conforme o registro de “suas famílias” (2Cr 31:17-19).

perdão do povo” (Conf. Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. *In Novo dicionário brasileiro da língua portuguesa*. RJ, Nova Fronteira, 1986. 1582; também Hugo Schlesinger. *In Pequeno vocabulário do judaísmo*. SP, Paulinas, 1987 (verbeta “shekel”). Referências a dinheiro são comuns ao longo da Bíblia e

mesmo nos dias de Joás (2Cr 24:1-14) e em diante uma caixa foi posta para recolher ofertas em dinheiro. O dinheiro era comum em Israel nos tempos de Neemias e Malaquias havendo, inclusive, referências relacionadas ao tesouro do templo no NT entre as quais está a da famosa moedinha da viúva, ofertada em contraste com as grandes somas de dinheiro lançadas no tesouro pelos ricos. Outro exemplo são as moedas de prata da traição de Jesus que não puderam ser postas no “tesouro”. (Mc 12:41, 43; Lc 21:1; Jo 8:20; Mt 27:6)

⁹ A aplicação do texto de Malaquias na descrição histórica feita por E. G. White é de que os dízimos e ofertas deveriam ser dados com “Interesse altruística na edificação de Sua obra em todas as partes do mundo.” WHITE, E. G. *Profetas e Reis*, 708.

A casa do tesouro, portanto, segundo os relatos das Escrituras, é um centro organizado e estruturado como sede da ação religiosa em Israel. Um centro de unidade dentro de um conceito amplo de organização religiosa no qual não se concebe ações independentes ou separadas. Tudo converge para o templo e dele para as partes. A obra é entendida com um todo unido.

Em E. G. White

Nos escritos de E. G. White a expressão é usada para as tesourarias locais, de instituições e das associações, uniões e Associação Geral indistintamente. Adicionado a isso está, em seus ensinamentos, a idéia de que a obra é uma unidade e não uma dispersão congregacional. A unidade das igrejas em associações é por ela reconhecida. Essas associações em vários níveis são consideradas as “responsáveis” pela promoção e gerência dos dízimos, através dos presidentes eleitos pelas igrejas. Segue-se algumas dessas mensagens que reproduzem os mesmos princípios bíblicos já apresentados anteriormente. Os anos das declarações ao final de algumas declarações ajudarão a perceber a persistência desses princípios ao longo dos anos através dos quais ela escreveu:

1. A obra de Deus deve ser considerada como uma unidade mundial e não como unidades “independentes.”¹⁰

- “Deve-se considerar a obra em todo o mundo.”¹¹ “Sua obra é **um grande todo**”,¹² que deve estar unido em todas as frentes com as escolas,

¹⁰ Alguns têm apresentado a idéia de que, ao aproximarmos-nos do fim do tempo, cada filho de Deus agirá independentemente de qualquer organização religiosa. Mas fui instruída pelo Senhor de que nesta obra não há isso de cada qual ser independente. WHITE, E. G. *Obreiros Evangélicos*, 487.

¹¹ *Ibid.*, 454. “Deve-se considerar a obra em todo o mundo. Novos campos têm de ser penetrados. Lembrem-se nossos irmãos de que se exigem muitos meios e muito trabalho árduo para levar a obra avante em novos campos.”

¹² *Ibid.*, 456. (grifo suprido). “O Senhor não faz acepção de pessoas nem de lugares. Sua obra é um grande todo.”

ministério e o trabalho médico.¹³ Deus clama por uma ação unida.¹⁴ Uma frente unida contra o inimigo,¹⁵ o mundo¹⁶ e para a vitória.¹⁷ Ou seja, a igreja deve ser um “grande organismo”.¹⁸ Esse organismo está estruturado em associações, estaduais que houve necessidade de serem

¹³ WHITE, E. G. *Testimonies for the Church*, Vol. 9, 169, 170. “...O Senhor tem falado a mim. Ele fala quando eu digo que os obreiros engajados nas frentes educacionais, nas frentes do ministério e no ministério médico – missionário, devem permanecer como uma unidade, todos trabalhando sob a supervisão de Deus”.

¹⁴ WHITE, E. G. *Testemunhos para Ministros*, 399, 27 “O Senhor exige uma ação unida. Devem-se fazer esforços bem organizados para conseguir obreiros”... “Ninguém acaricie o pensamento de que podemos

dispensar a organização. A construção dessa estrutura custou-nos muito estudo e orações, em que rogávamos, sabedoria e as quais sabemos que Deus ouviu”.

¹⁵ WHITE, E. G. *Evangelismo*, 693. “O povo de Deus unir-se-á, apresentando frente unida ao inimigo. ... O amor de Cristo, o amor de nossos irmãos, testificará ao mundo que estivemos com Jesus e dEle aprendemos. Então, a mensagem do terceiro anjo se avolumará num alto clamor, e a Terra inteira será iluminada com a glória do Senhor”.

¹⁶ WHITE, E. G. *Atos dos Apóstolos*, 91 “Somente enquanto estivessem unidos com Cristo podiam os discípulos esperar possuir o poder acompanhante do Espírito Santo e a cooperação dos anjos do Céu. Com o auxílio desses divinos instrumentos, apresentariam ao mundo uma frente unida, e seriam vencedores no conflito que eram forçados a manter incessantemente contra os poderes das trevas”.

¹⁷ WHITE, E. G. *Testemunhos para Ministros*, 505 “Quão importante é, então, que nos guardemos cuidadosamente de tudo que possa desanimar ou enfraquecer a influência de uma alma que está fazendo uma obra que Deus quer que seja feita! Há vitórias a ganhar, se apresentarmos uma frente unida e individualmente buscarmos ao Senhor para obter força e orientação”.

¹⁸ WHITE, E. G. *Testimonies for the Church*, Vol. 8, 174. “Todos devem ser unidos como parte de um grande organismo. A igreja do Senhor é composta de agentes trabalhadores, que derivam de Seu poder para agir partindo do Autor e Consumador de nossa fé”.

estabelecidas¹⁹ e precisam ter meios para sustentar novos campos.²⁰ Essas associações existem para unir-nos e revelar o poder de Deus produzindo frutos.²¹

▪ “A medida que nossos membros foram aumentando em número, ficou evidente que sem alguma forma de organização haveria grande confusão e a obra não se realizaria com êxito. A organização era indispensável para proporcionar o sustento do ministério, para dirigir a obra a novos território, para proteger tanto a igreja como os ministros dos membros indignos, para o registro das propriedades da igreja, para a publicação da verdade por meio da imprensa, e para muitos outros objetivos.”²²

▪ A participação de cada membro, nas diversas instância, desde a igreja local passando pelas associações, uniões e associação geral é o plano de Deus.²³

▪ A organização da igreja em uniões foi um arranjo de Deus.²⁴ E através

¹⁹ WHITE, E. G. *Testimonies for the Church*, Vol. 1, 715. “... mesmo ainda após este passo, havia permanecido com alguns, uma relutância em adentrar com relação a organização da Igreja, e o assunto continuou sendo discutido. Contudo com a extensão da maioria favorecendo a organização, o movimento procedeu primeiro pela organização das igrejas, então a associação estadual, e finalmente em 1863, a Conferência Geral”.

²⁰ WHITE, E. G. *Testimonies for the Church*, Vol. 9, 76 “Os presidentes de nossas Associações e outros em posição de responsabilidades têm um dever a cumprir em seus negócios; que os diferentes ramos de nossa obra precisam receber igual atenção”

²¹ WHITE, E. G. *Life and Sketches*, 387. “As Associações que são formadas são para apegar-se poderosamente no Senhor; através delas Ele pode revelar o seu poder fazendo deles excelentes representações na produção de frutos”.

²² WHITE, E. G. *Testemunhos para Ministros*, 26

²³ WHITE, E. G. *Testimonies for the Church* Vol. 8, 236, 237. “Deus sabe o futuro. Ele é o único a quem nós devemos nos guiar. A divisão da conferência Geral em Distritos e Associações – Uniões foi Plano de Deus”.

²⁴ *Ibidem*, 232, 233.

delas Deus seria acessível para realizar a Sua obra.²⁵

A obra é uma “causa” incluindo “nossas várias instituições” e os “numerosos outros departamentos” (1886).²⁶

▪ Escolas, instituições e igrejas são parte desse todo que é a igreja (1899).²⁷

2. O tesouro, segundo ela, envolve “dízimos e ofertas”. O desejo de se apropriar do dízimo para uso não recomendado é o resultado de não haver igual fidelidade nas ofertas.²⁸

3. Referindo-se às **associações**, ela menciona a tarefa da sede da obra para o direcionamento dos recursos em benefício de uma causa unificada:

Aqueles que se encontram à testa dos negócios **na sede da causa**, têm de examinar detidamente as necessidades dos vários campos; pois **eles são os mordomos de Deus, destinados a estender a verdade, a todas as parte do mundo**. Eles são inescusáveis, se permanecerem em ignorância com respeito às necessidades da obra...”. São esses mordomos que “têm

²⁵ WHITE, E. G. *Testemunhos para Ministros*, 375. “O Senhor é o único em quem podemos confiar com segurança; e Ele é acessível em todo o lugar e a cada igreja da União”.

²⁶ WHITE, E. G. *Mensagens Escolhidas*, vol.2, 190. “De quando em quando tenho-me sentido impelida pelo Espírito do Senhor a apresentar um testemunho aos nossos irmãos, a respeito da necessidade de conseguir o melhor de todos os talentos para trabalhar em nossas várias instituições e nos numerosos outros departamentos de nossa causa”.

²⁷ *Ibid.*, 196. “Este é o mal que hoje ameaça nossas escolas, nossas instituições, nossas igrejas. A menos que seja corrigido, porá em perigo a alma de muitos... A abnegação deve caracterizar os homens empregados em posições de responsabilidade no escritório, e devem ser um exemplo a todos os obreiros...”

²⁸ WHITE, E. G. *Conselhos sobre Mordomia*, 198-200. “Quanto mais ansioso deveria estar cada fiel mordomo quanto a aumentar a proporção das dádivas a serem colocadas no tesouro do Senhor, do que de diminuir suas ofertas um jota ou um til que seja”.

que destinar às necessidades da obra do Senhor os meios **de Seu tesouro**...”²⁹

Dirigindo-se aos **administradores da organização** E. G. White declara que: “Devemos compreender mais e mais que **os meios trazidos ao tesouro do Senhor nos dízimos e ofertas** de nosso povo, devem ser empregados para a manutenção da obra, não somente na pátria, mas nos **campos estrangeiros**.”³⁰

Às associações do seu tempo que, na administração do dízimo e ofertas, na época, não adotavam a partilha dos recursos com outros campos, afirma: “Em algumas **associações** tem-se considerado louvável o economizarem-se meios, e apresentar um grande excesso **no tesouro**. Deus não tem sido honrado com isso.”³¹ Mesmo o “tesouro” das instituições é para ajudar os campos missionários também.³²

Portanto, para E. G. White, a igreja é um grande todo, uma unidade que deve manter-se em apoio mútuo das partes. Essa unidade se dá através do sistema de associações sobre quem recai, como veremos mais detidamente, a responsabilidade gerencial dos dízimos e parte das ofertas da igreja. Essa organização é essencial para que a igreja não se fragmente e não deve

²⁹ WHITE, E. G. *Obreiros Evangélicos*, 455. (grifo suprido). “Aqueles que se encontram à testa dos negócios na sede da causa, têm de examinar detidamente as necessidades dos vários campos; pois eles são os mordomos de Deus, destinados a estender a verdade, a todas as partes do mundo.

³⁰ *Ibid.* “Devemos compreender mais e mais que os meios trazidos ao tesouro do Senhor nos dízimos e ofertas de nosso povo, devem ser empregados para a manutenção da obra, não somente na pátria, mas nos campos estrangeiros.”

³¹ *Ibid.*, 456. (grifo suprido) “Em algumas associações tem-se considerado louvável o economizarem-se meios, e apresentar um grande excesso no tesouro. Deus, porém, não tem sido honrado com isso.”

³² *Ibid.*, 457 “...Teria sido preferível que o dinheiro assim depositado houvesse sido sabiamente empregado em manter obreiros diligentes e capazes em campos necessitados ser dispensada ao nos aproximarmos do fim dos tempos.”³³

Os Administradores do Dízimo e das Ofertas

Nesta parte veremos mais algumas citações de E. G. White nas quais as expressões “tesouro” e “casa do tesouro” associadas direta ou indiretamente a Malaquias 3:10 são aplicadas à igreja.

Segundo ela, Deus, no que diz respeito aos dízimos e ofertas, “nunca mudou os planos que Ele próprio ideou.”³⁴ Por outro lado, os ancião e oficiais são desafiados a cumprir a missão que Deus lhes deu de levar o povo a ser fiel nos dízimos, ofertas e votos.³⁵ Enfaticamente, ela declara que a **“casa do tesouro” de Ml. 3:8 a 10 está sob a responsabilidade dos presidentes de Associações** que precisam orientar os anciãos e diáconos a trazerem os dízimos ao tesouro “para a sua obra em todo o mundo”.

³³ WHITE, E. G. *Obreiros Evangélicos*, 487 “Alguns têm apresentado a idéia de que, ao aproximarmos do fim do tempo, cada filho de Deus agirá independentemente de qualquer organização religiosa. Mas fui instruída pelo Senhor de que nesta obra não há isso de cada qual ser independente. As estrelas do céu estão todas sujeitas a leis, cada uma influenciando a outra a fazer a vontade de Deus, prestando obediência comum à lei que lhes dirige a ação. E, para que a obra do Senhor possa avançar sadia e solidamente, Seu povo deve unir-se”.

³⁴ WHITE, E. G. *Testemunhos para Ministros*. 3ª ed. SP: Casa Publicadora Brasileira, 1993), 305, 306. “O Senhor sempre exigiu essa resposta em Seus arranjos para levar avante Sua obra em nosso mundo. Ele nunca mudou os planos que Ele próprio ideou”.

³⁵ WHITE, E. G. *Conselhos Sobre Mordomia*, 106, 107. “Nomeie a igreja pastores ou anciãos que sejam dedicados ao Senhor Jesus, e cuidem esses homens de que se escolham oficiais que se encarreguem fielmente do trabalho de recolher o dízimo... Devemos mensageiros do Senhor cuidar de que os membros da igreja Lhe cumpram fielmente as ordens... É o dever dos anciãos e oficiais da igreja instruir o povo nessa importante questão, e pôr as coisas em ordem. Como coobreiros de Deus, devem os oficiais da igreja ser corretos nesse assunto claramente revelado. Devem os próprios pastores ser estritos quanto a executar ao pé da letra os preceitos da Palavra de Deus”.

Seu apelo, no contexto de Malaquias 3:10, é para que os presidentes de associação cumpram o “dever” de ensinar ao povo a ser fiel nos dízimos. Por outro lado é dever dos anciãos de igreja trabalhar para que o dízimo e as ofertas sejam trazidas à igreja e em seguida repassados à associação.³⁶

Segundo Ellen White os **presidentes de Associação** devem estar atentos às finanças dos campos e tem como responsabilidade: “...ver que anciãos e diácono das igrejas nelas realizem seu trabalho, cuidando de que um fiel dízimo seja trazido para o tesouro.”³⁷

O dízimo não é uma propriedade egoísta de alguma igreja local mas é o recurso para enviar mensageiros de Deus **“às partes mais distante da Terra.”**³⁸ E que através da associação cada ramo da obra receba igual atenção.³⁹

³⁶ WHITE, E. G. *Testemunhos para Ministros*, 306. “Anciãos de igrejas, cumpri vosso dever. Trabalhai de casa em casa a fim de que o rebanho de Deus não seja remisso neste magno assunto, o qual envolve tão grande bênção ou maldição”.

³⁷ *Ibidem*, 305. “Muitos presidentes de Associações do Estado não cuidam daquilo que é seu trabalho - ver que os anciãos e diáconos das igrejas nelas realizem seu trabalho, cuidando de que um fiel dízimo seja trazido para o tesouro”.

³⁸ WHITE, E. G. *Conselhos Sobre Mordomia*, 71; *Testemunhos para Ministros*, 306. “Reclama o dízimo como Seu, e este deve ser sempre considerado uma reserva sagrada, a ser colocada no Seu tesouro para o bem de Sua causa, para o avanço de Sua obra, para enviar Seus mensageiros às partes mais distantes da Terra”(CSM,71). “...O Senhor sempre exigiu essa resposta em Seus arranjos para levar avante Sua obra em nosso mundo”(Testemunhos para Ministros, 306).

³⁹ WHITE, E. G. *Testimonies for the Church*. Vol. 6, 329“Cada membro tem uma voz na escolha dos oficiais da igreja. A Igreja escolhe os oficiais da Associação Estadual. Delegados escolhidos pela Associação Estadual escolhem os oficiais da Associação – União; e delegados da Associação – União escolhem os oficiais da conferência Geral. Por este modo cada associação, instituição de cada, igreja de cada, e cada indivíduo; diretamente ou através de representantes, têm uma voz na eleição dos homens que conduzirão o chefiar das responsabilidades na conferência Geral”.

É dever dos presidentes de associação e dos pastores educar o povo a ser fiel e, nas palavras de E. G. White palavras, “não roubar a Deus”, a fim de haver recursos no tesouro da obra.⁴⁰

Os membros devem cuidar das igrejas e liberar os pastores para desenvolverem a pregação em novos campos e ainda, segundo ela, “mandar” ofertas e dízimos para obreiros nos “campos” mais necessitados.⁴¹ A oposição à organização para impedir que o dízimo seja trazido, conforme Malaquias, ao tesouro, contraria os meios ordenados por Deus, e é obra do inimigo.⁴² O dízimo deve ser devolvido à IASD, conforme Malaquias.⁴³

⁴⁰ WHITE, E. G. *Testimonies for the Church*, Vol. 5, 372, 376. WHITE, E. G. “As Igrejas precisam ser impressionadas com o fato que é seu dever proceder honestamente com a causa de Deus; não consentindo que a culpa do roubar descance sobre eles; roubando a Deus nos dízimos e nas ofertas”. “Se os meios entrassem no tesouro exatamente de acordo com o plano de Deus - um décimo de toda renda - haveria abundância para levar avante a Sua obra” *Evangelismo*, 252 .

⁴¹ WHITE, E. G. *Evangelismo*, 381, 382. “Devem ser ensinados a dar fielmente o dízimo a Deus, para que os possa fortalecer e abençoar. Devem ser postos em ordem de trabalho... Em vez de conservar os pastores trabalhando pelas igrejas que já conhecem a verdade, digam os membros das igrejas a esses obreiros: “Ide trabalhar pelas almas que perecem nas trevas. Nós mesmos levaremos avante os trabalhos da igreja. Nós realizaremos as reuniões, e, estando em Cristo, manteremos vida espiritual. Trabalharemos pelas almas que estão ao nosso redor, e elevaremos nossas orações e mandaremos nossas ofertas para manter os obreiros nos campos mais necessitados e destituídos de auxílio.”

⁴² WHITE, E. G. *Testemunhos par Ministros*, 53. “Os que estão levando esta mensagem errada, ... opõem-se à clara ordem de Deus pronunciada por Malaquias com relação a trazer todos os dízimos ao tesouro da casa de Deus, e imaginam ter uma obra a fazer no sentido de advertir aqueles a quem Deus escolheu para levar avante Sua mensagem de verdade. Esses obreiros não estão trazendo maior eficiência à causa e ao reino de Deus, mas estão empenhados numa obra idêntica àquela em que o inimigo de toda a justiça se empenha”.

⁴³ WHITE, E. G. *Testemunhos para Ministros*, 59, 60. “Compreendo que também estais proclamando que não devemos dar o dízimo. Meu irmão, tirai o sapato de vossos pés, pois o lugar em que estais é terra santa.

Portanto, a gerência dos dízimos, de acordo com Ellen White, deve estar sob a administração das associações. Estas recebem os recursos dos membros através das igrejas locais para uma ação organizada de evangelização do campo. Os presidentes como

representantes dos campos devem agir junto aos pastores e anciãos a fim de que os dízimos e ofertas sejam entregues para o trabalho da associação e abertura de novos campos.

A Aplicação do Dízimo e das Ofertas

O dízimo é um fundo que, dentro da filosofia da Igreja Adventista do Sétimo Dia, deve ser aplicado para a manutenção do ministério pastoral como indicado nos princípios encontrados na Bíblia e nas diretrizes dadas por E. G. White, que são consideradas inspiradas no âmbito da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Os dízimos devem ser aplicados como segue:

1. pastores.⁴⁴ No pagamento de salários e despesas diretamente ligadas à sua atividade pastoral.

2. missionários em campos estrangeiros.⁴⁵

3. médicos missionários.⁴⁶

⁴⁴ WHITE, E. G. *Testimonies for the Church*, vol. 9, 52; *Obreiros Evangélicos*, 226. “O dízimo é sagrado, reservado por Deus para Si mesmo. Tem de ser trazido ao Seu tesouro, para ser empregado em manter os obreiros evangélicos em seu trabalho”.

⁴⁵ WHITE, E. G. *Testemunhos para Ministros*, vol. 9, 52; *Conselhos Sobre Mordomia*, 71; *Obreiros Evangélicos*, 455. **“Manifeste-se uma desinteressada igualdade no tratar com o corpo de obreiros na pátria e no estrangeiro. Devemos compreender mais e mais que os meios trazidos ao tesouro do Senhor nos dízimos e ofertas de nosso povo, devem ser empregados para a manutenção da obra, não somente na pátria, mas nos campos estrangeiros”.**

⁴⁶ WHITE, E. G. *Medical Ministry*, (Mountain View, California: Pacific Press Publishing Association, 1932), 245. “Eu desejo falar acerca da relação existente entre omissionário médico e o ministro do evangelho... não há divisão entre o ministério e o trabalho médico”.

4. professores de Bíblia.⁴⁷

5. irmãs que sejam obreiras bíblicas.⁴⁸

6. um fundo de aposentadoria para pastores.⁴⁹

7. assistência em eventual invalidez de obreiros.⁵⁰

8. um plano de saúde para obreiros.⁵¹

⁴⁷ WHITE, E. G. *Conselhos Sobre Mordomia*, 103.

⁴⁸ WHITE, E. G. *Evangelismo*. 2ª ed. (SP: Casa Publicadora Brasileira), 492. “Os adventistas do sétimo dia não devem, de forma alguma, amesquinhar a obra da mulher. Se esta entrega seu serviço doméstico nas mãos de uma auxiliar fiel e prudente, e deixa seus filhos em boa guarda ao passo que ela se ocupa na obra, a associação deve ter a sabedoria de compreender a justiça de remunerá-la”.

⁴⁹ WHITE, E. G. *Obreiros Evangélicos*, 430. **“Deve-se instituir um fundo para os obreiros que não podem mais trabalhar. Não podemos estar livres de culpa diante de Deus, a menos que façamos todo esforço que é justo a esse respeito, e isso sem demora”.** Nos dias de Jesus os trabalhadores do Templo deveriam ter suas necessidades supridas em caso de desemprego. Veja Joachim Jeremias, *Jerusalém no Tempo de Jesus*. (SP: Edições Paulina, 1983), 4.

⁵⁰ *Ibid.*, 426. **“Deve-se tomar alguma providência quanto ao cuidado para com os pastores e outros fiéis servos de Deus, que, devido a se exporem ou a trabalharem em excesso em Sua causa,**

adoeceram e necessitam de repouso e restauração, ou que, devido à idade e à perda de saúde não são mais capazes de levar encargos e suportar o calor do dia”.

⁵¹ *Ibid.*, 427 “Esses fiéis obreiros de Deus que, por amor de Cristo renunciaram às perspectivas oferecidas pelo mundo, preferindo a pobreza aos prazeres ou fortuna; que, esquecidos de si mesmos, trabalharam ativamente para atrair almas a Cristo; que deram liberalmente para fazer avançar vários empreendimentos na causa de Deus, tombando na batalha, fatigados e doentes, e sem meios de subsistência, não devem ser deixados a lutar na pobreza e no sofrimento, ou sentir-se como pobres. Ao sobrevir-lhes doença ou enfermidade, não se deixem nossos obreiros sentir-se sobrecarregados com a ansiosa interrogação: “Que será de minha esposa, de meus filhos, agora que não posso mais trabalhar e suprir-lhes as necessidades?” É simplesmente justo que se tomem providências para satisfazer às necessidades desses obreiros fiéis, e dos que deles dependem.

9. despesas de mudança dos obreiros.⁵²

10. A orientação inspirada também declara que os dízimos devem ser usados para sustentar as instituições da igreja, pagando despesas coerentes com as finalidades desse fundo sagrado, pois estas são “instrumentos para levar avante Sua obra na terra”.

O Uso Especial do Dízimo por E. G. White

Mesmo que, disse ela, ministros indignos venham a receber parte de nossos dízimos e ofertas não devemos deixar de contribuir para a causa de Deus.⁵³ E “não deixes de dar à causa de Deus, e seja achado fiel, porque outros não estão agindo corretamente.”⁵⁴ Um exemplo importante ocorreu em 1870 quando administradores foram advertidos por E. G. White:

Os fundos nem sempre têm sido empregados como designaram aqueles que doaram com grande sacrifício. Homens ambiciosos e egoístas, faltos de espírito de sacrifício e renúncia têm administrado infielmente os meios trazidos à tesouraria. (1868)

⁵² *Ibid.*, 450, 451. “O missionário escolhido por Deus não pode ter residência fixa, mas tem de levar a família de um lugar para outro, muitas vezes de um para outro país. A natureza de seu trabalho assim o exige. Essas freqüentes mudanças, porém, obrigam-no a sérias despesas... Esses obreiros são muitas vezes obrigados a hospedar os irmãos, e ao mesmo tempo que isso lhes é um prazer, é também uma despesa adicional. É uma terrível injustiça uma comissão de salários decepcionar um digno pastor que se acha em necessidade de cada moeda que tem sido levado a esperar... Ele quer que Seu povo manifeste um espírito liberal em todo o seu trato com seus companheiros. O princípio que serve de base a Sua ordem ao antigo Israel: “Não atarás a boca ao boi que trilha o grão” (I Cor. 9:9; Deut. 25:4), é um princípio que nunca deve ser posto de lado por alguém que tenha de tratar da remuneração dos que se dedicaram à divulgação da causa de Deus no mundo, e que empregam suas forças em elevar o espírito dos homens da contemplação das coisas terrestres à das celestiais”.

⁵³ WHITE, E. G. *Special Testimonies*, Serie A, n° 1, 52, 53.

⁵⁴ WHITE, E. G. *Testimonies for the Church*, vol. 9, p. 249

E apesar disso ela disse sobre os doadores:

As pessoas sacrificadas, consagradas, que devolvem a Deus o que lhe pertence, como ele exige, serão recompensadas de acordo com suas obras. Ainda que os meios assim consagrados sejam mal utilizados de modo que não realizem o objetivo que o doador tinha em vista – a glória de Deus e a salvação das almas – os que fizeram o sacrifício com sinceridade de alma e com sinceridade de propósito para a glória de Deus não perderão a sua recompensa. ⁵⁵ (1868)

Em 1890 ela admitiu:

Se os assuntos da associação não são manejados de acordo com a ordem de Deus, isso é pecado dos que cometem o erro. O Senhor não culpará ninguém que faz o que está ao alcance para corrigir o mal. Mas você não cometa o pecado de reter de Deus o que é Sua propriedade.⁵⁶

Esta posição, apesar dos desvios da administração, permaneceu a mesma até 1909, próximo ao fim de sua vida, quase vinte anos mais tarde.⁵⁷

Ela assim falou e assim procedeu como declarou seu filho: “Desde minha conexão com os assuntos de minha mãe em 1881, a maior parte do tempo, um dízimo completo de seu salário era colocado nas mãos do tesoureiro da igreja

⁵⁵ Ibidem, vol. 2, 518 e 165. “Aqueles que sacrificando a si próprios consagrando-se, e os que devolvem a Deus as coisas que são dEle, como Ele requer, serão recompensados de acordo com seu trabalho... os que se sacrificam em sinceridade de alma, com uma visão separada para a glória de Deus, não perderá a sua recompensa”.

⁵⁶ WHITE, E. G. *Special Testimonies*, Serie A, n° 1, p. 27

⁵⁷ WHITE, E. G. *Obreiros Evangélicos*, 227. “Alguns se têm sentido malsatisfeitos, e dito: “Não devolvarei mais o dízimo; pois não confio na maneira por que as coisas são dirigidas na sede da obra.” Roubareis, porém, a Deus, por pensardes que a direção da obra não é correta? Apresentai vossa queixa franca e abertamente, no devido espírito, e às pessoas competentes. Solicitai em vossas petições que se ajustem as coisas e ponham em ordem; mas não vos retireis da obra de Deus, nem vos demonstreiis infiéis porque outros não estejam fazendo o que é correto”.

ou da associação.”⁵⁸

Quando se apelou a associação do Colorado para socorrer os pastores que estavam idosos ou mal remunerados e que não recebiam suficiente para se manter o Pr. Watson reagiu contra a coleta, em uma igreja, de 400 dólares entre ofertas e dízimos para os ministros negligenciados. Nessa situação, E. G. White escreveu-lhe uma carta em 22 de janeiro de 1905 declarando a necessidade de não esquecer aqueles ministros. O conteúdo da carta está reproduzido a seguir:

Moutain View, Califórnia, 22 de janeiro de 1905.

Meu irmão, desejo dizer a você: seja cuidadoso com o modo como age. Você não está agindo sabiamente. Quanto menos você falar sobre o dízimo que é destinado para o mais necessitado e aos **Campos mais carentes no mundo**, mais sensível você será.

Durante anos **tem sido mostrado a mim** que meu dízimo deveria ser remetido para **ajudar os ministros brancos e negros que eram negligenciados** e não recebiam o suficiente, necessário para sustentar a família. Quando minha atenção se voltava para os **ministros idosos**, brancos ou negros, era minha especial tarefa investigar suas carências e suprir suas necessidades. Esta deveria ser **minha obra especial**, e tenho feito isto em inúmeros casos. Nenhum homem deveria dar notoriedade ao fato de que em **ocasiões especiais** o dízimo é usado desta maneira.

Com respeito à obra entre os negros no Sul, **aquele Campo foi e ainda está sendo roubado dos meios que deveriam chegar até seus obreiros**. Se têm existido casos nos

quais nossas irmãs têm destinado seus dízimos **para o sustento de ministros** que trabalham por pessoas negras no Sul, conserve-se cada homem, se for sábio, calado.

⁵⁸ Citado por Arthur L. White, *E. G. White: The Early Elmsheaven Years, 1900-1905*, p. 393.

Tenho destinado meu dízimo para os casos mais necessitados que são trazidos ao meu conhecimento. **Fui instruída a fazer assim**; e com o dinheiro não é retirado da tesouraria do Senhor, **não é um assunto que deveria ser acompanhado por comentários**, pois tornaria necessário meu envolvimento com essas coisas, o que não desejo fazê-lo, porque não é o melhor.

Alguns casos têm sido mantidos diante de mim durante anos, e tenho suprido suas necessidades do dízimo, **conforme Deus me instruiu a fazer**. E se qualquer pessoa me disser: irmã White, você poderá destinar o meu dízimo para onde você sabe que ele será mais necessário, eu direi: sim, farei; e tenho agido assim. Elogio essas irmãs que têm aplicado seu dízimo onde é mais necessário para ajudar a realizar uma obra que está sendo negligenciada, e se a esse assunto for dado publicidade, fortalecerá um ponto de vista que seria melhor se fosse deixado como está. **Não tenho interesse em dar publicidade a essa obra que o Senhor me indicou realizar, e a outros também.**

Envio-lhe essa explicação para que você não cometa nenhum erro. As circunstâncias alteram os casos. **Não aconselharia ninguém a realizar uma prática de arrecadação do dinheiro do dízimo**. Mas durante anos e ainda hoje, há tantas pessoas que perderam a confiança no método da aplicação do dízimo e têm colocado seu dízimo em minhas mãos, e dito que se não o pegasse, eles mesmos o encaminhariam para as famílias de ministros mais carentes que encontrassem. Tenho recebido dinheiro, dado um recibo por ele, e dito a eles como foi aplicado.

Escrevo-lhe considerando que isso o ajudará a se manter quieto **em vez de provocar estardalhaço e dar publicidade ao assunto, para que muitos outros não sigam seu exemplo.**⁵⁹

Sobre a carta ao Pr. Watson:

⁵⁹ Arthur L. White, *The Early Elmshaven Years* (Washington, DC: Review and Herald Publishing Association, 1981), 396, 397. (grifos supridos).

1. Ela declara que o dízimo recolhido por ela e o seu próprio eram dirigidos ao pagamento de **pastores** e aos **campos** mais carentes (associações, missões) e não para ser usado pela igreja local em suas despesas de trabalho missionário o que seria uma distorção de todo o seu ensino.

2. Evidentemente ele estava sendo coerente com o seu ensino geral sobre o tema, de que as associações não deveriam acumular recursos em prejuízo de outros campos mais necessitados de “outras partes do mundo”, exatamente contrariando os que pensam que o dízimo deve ser usado localmente.⁶⁰

2. Existia, o que não é o caso hoje, uma distorção no cuidado com os **pastores**, “ministros brancos e negros” e “ministros idosos” que estavam sem receber sua manutenção enquanto trabalhavam para a obra em outros campos, pois “eram negligenciados e não recebiam o suficiente para sustentar suas famílias.”

3. Era um procedimento que, apesar de o dinheiro estar indo para pastores e campos (associações), ela “**não aconselharia ninguém a realizar** uma prática de arrecadação do dinheiro do dízimo.” Isto é, não era um procedimento a ser seguido pela igreja.

4. Ela não queria que fosse dada “publicidade” e nem que se fizesse “estardalhaço” para não reforçar “o ponto de vista que seria melhor que fosse deixado como está”, para que outros não fizessem exploração desse ato e lhe dessem divulgação como, infelizmente, hoje está acontecendo. As pessoas estavam entregando a ela o dízimo por acharem que não seria bem empregado

⁶⁰ WHITE, E. G. *Obreiros Evangélicos*, 455, 456. “Os lugares da vinha do Senhor em que pouco ou nada se tem feito, pedem àqueles em que já se acham estabelecidas instituições, que compreendam a situação. Que os homens dos campos que, segundo a indicação de Deus, já têm sido em grande parte trabalhados, e onde a causa se acha solidamente estabelecida, restrinjam sua ambição de estender-se. Não pensem nas grandes coisas que desejariam fazer, continuando a aumentar suas comodidades, ao passo que outras partes da vinha ficam desprovidas. É ambição egoísta que leva os homens a exigirem mais para um campo já possuidor de amplos recursos, ao passo que campos missionários se encontram em necessidade”.

pelo campo local (que já tinha muito e não estava sendo sensível às necessidades de outros campos). Não se tratava de reter o dízimo de forma alguma na igreja local mas, ao contrário, desejava envia-lo para longe, outros campos e pastores carentes.

5. Também sustentar idosos, que, apesar de não trabalharem mais, precisavam ser mantidos.

6. Esse dízimo estava indo diretamente do adorador, o irmão, para o pastor ou campo necessitado e não tinha sido nem mesmo entregue na igreja local e nem tinha chegado à “tesouraria do Senhor”. Ou seja, os cofres da associação, ou seu caminho normal, através da tesouraria da igreja local; não estava havendo nenhum problema real de retenção ou desvio do dízimo do seu propósito original. Seria como qualquer membro entregar seu dízimo em outro campo que acha mais carente. Sempre respeitando o princípio bíblico e do Espírito de Profecia, de entregar ao campo para pagamento de pastores.

7. Quanto a seu envolvimento pessoal numa “irregularidade”, é bom lembrar que ela declarou que “fui instruída a fazer assim” e não era para ser dada “publicidade” a algo que era uma orientação particular de Deus para ela, “essa obra que o Senhor me indicou a realizar, e a outros também”, que a ela confiavam seu dízimo.

8. Se alguém recebesse 1) **instrução específica de Deus** para enviar seu dízimo para outro **campo** contanto que fosse 2) para uma família de **ministro** que estivesse passando necessidade em algum campo distante em crise, estaria de acordo com o que diz a carta. Não há nenhuma base para usar tal carta como pretexto para fazer o contrário da orientação inspirada por Deus.

⁶¹ É interessante relembrar que, nem mesmo na construção e reforma do tabernáculo de Deus no deserto e do Templo construído por Salomão, seus ou o dízimo, mas ofertas à parte tiveram que ser providas para a construção, conforme vemos em Êx

30:11-16; Lv 27:1-15. Quanto aos reparos e manutenção do Templo de Deus, **nenhum** dízimo foi usado conforme os

exemplos já apresentados de Joás, Ezequias, Josias e Neemias.⁶¹

Essa atitude de E. G. White, além das razões já apresentadas, justificava-se naquela ocasião (1905) pois o sistema de jubilação para manutenção de aposentados somente existiria em 1911 por solicitação dela mesma (mesmo o governo dos EUA somente implantou o Seguro Social em 1935). Além disso não havia ainda o sistema de auditoria interna da igreja que reduziria muito os erros no manejo dos fundos da igreja, implantado em 1914.⁶² Mas mesmo durante aquele período em que ela agia como mantenedora dos pastores carentes, no que ela chamou de “minha obra especial” (não é para outros fazerem o mesmo), sua ação, ajudada por seu filho continuava coerente com seus conselhos sobre o uso do dízimo conforme declara seu filho J. Edson White: “Mantemos uma conta separada das pequenas somas de dízimos que nos chegam dessa forma e as usamos inteiramente para sustentar os ministros que trabalham em favor das pessoas de cor.”⁶³

Quando em 1911 o seguro social da igreja e as deficiências de atendimento aos pastores foram sanadas, desaparecendo a necessidade original de 1905, ela respondeu ao ser procurada para aceitar dízimos:

Vocês me perguntam se aceitaria dízimo de vocês para usá-lo onde mais se necessita na causa de Deus. Em resposta direi que não recusaria fazê-lo, mas quero dizer que há um caminho melhor. É melhor depositar confiança nos ministros da associação onde vocês vivem, e nos dirigentes da igreja onde vocês freqüentam. Aproximem-se dos seus irmãos.”⁶⁴

⁶¹ WHITE, E. G. *Conselhos Sobre Mordomia*, 102, 103. “Foi-me mostrado que é um erro usar o dízimo para atender a despesas ocasionais da igreja. Neste ponto, tem havido um desvio dos métodos corretos... Seu povo de hoje precisa lembrar que a casa de culto é propriedade do Senhor, e que deve ser escrupulosamente cuidada. Mas o fundo para essa obra não deve provir do dízimo”.

⁶² Revista Adventista, mayo, 1993 Frank B. Holbrook “Preguntas acerca del diezmo y de las ofrendas”, p. 14

⁶³ Carta de J. Eson White a Arthur G. Daniels, 26 de março de 1905.

⁶⁴ WHITE, E. G. *Manuscripts Releases*, Vol. 1, p. 196.

Conforme E. G. White ainda declara:

Igrejas devem ser erigidas, escolas estabelecidas, e casas publicadoras equipadas com condições para fazer a grande obra na publicação da verdade a ser enviada para todas as partes do mundo. Essas instituições são ordenadas por Deus e devem ser sustentadas pelos dízimos e ofertas liberais. Ao a obra aumentar, meios serão necessários para levá-la avante em todos os seus ramos.⁶⁵

Mas o órgão legítimo para gerir os dízimos e as ofertas missionárias é, como vimos anteriormente, a associação organizada pelos membros através dos oficiais por eles eleitos.

Evidentemente dentro de cada instituição adventista deve desenvolver-se a atividade pastoral e evangelística e os obreiros e suas despesas diretamente ligadas ao trabalho devem ser custeadas pelos dízimos. Porém, mesmo projetos missionários, feitos por famílias na igreja, não deveriam requerer fundos da associação, salvo se um pastor for necessário.⁶⁶

Portanto, E. G. White entendia que a “casa do tesouro” eram as sedes da obra organizada e que as igrejas locais, também chamadas assim, deveriam fazer o papel de recolher os dízimos e ofertas e repassá-los à organização imediata como associações e uniões.

Também notamos um forte sentimento unificador e uma visão todoabrangente do conceito de missão mundial que está diante da igreja como instituição e, por isso, esta não pode prescindir de todos os recursos que possa dispor para a ampliação da obra em todos os seus ramos.

⁶⁵ WHITE, E. G. *Testimonies for the Church*, vol. 4., 464. (grifo suprido).

⁶⁶ WHITE, E. G. *Testimonies for the Church*, Vol. 6, 442. “Se famílias se situarem em lugares obscuros da terra, lugares onde as pessoas são envolvidas em melancolia e tristeza espirituais, e deixassem a luz de Cristo brilhar através delas, um grande e poderoso trabalho é efetuado... sem depender dos fundos da Associação até que o interesse venha a ser tão extenso que eles não podem conduzir mais o trabalho sem a ajuda ministerial”.

Conclusão

Os relatos bíblicos tratam da questão dos dízimos para manutenção sacerdotal e as ofertas como recursos que eram totalmente administrados no templo e a partir dele. O templo funcionava como a sede da obra que exercia controle unificador tanto na área religiosa como administrativa e financeira.

Não há registro de o dízimo do sacerdote levita ser administrado em nível local ou individual. Não havia mistura de fundos oriundos de dízimos e ofertas. Tanto o dízimo como as ofertas entregues tinham uma finalidade diferente. Não se misturava os recursos e nem os destinos desses recursos.

E. G. White, refletindo uma destacada voz dentre os pioneiros adventistas, declara que a obra não é local mas mundial e sustenta uma forte visão institucional reagindo contra as tendências à fragmentação organizacional.

Para ela, como vimos, a “casa do tesouro” é a tesouraria da igreja em todos os níveis, mas que a administração dos recursos deve ser feita a nível organizacional através das associações e uniões e não pela igreja local. O responsável pessoal por essa promoção, esclarecimento e administração das ofertas destinadas à associação e especialmente os dízimos é o presidente do campo. Os oficiais das igrejas locais são parte vital na conscientização e transferência dos recursos.

A obra de Deus, tanto nos relatos bíblicos apresentados, como em E. G. White é descrita como um “grande todo” e “uma só”. Apresenta-se como sistema organizacional e não há evidências de uma estrutura ou administração congregacional ou fragmentada por regiões. Ou seja, em ambos os modelos, tanto o bíblico como o de E. G. White, a “casa do tesouro” tem caráter institucional e mais amplo não se referindo à igreja, comunidade local ou cidade, mas ao centro administrativo de uma única e coesa organização.